

Cartilha Nicolina

"é dedicada a todos os Jovens Nicolinos do Presente para que saibam fazer no Futuro uma Festa, onde o orgulho Nicolino chegue à Alma dos seus antepassados."

1998
AAELG

INTRODUÇÃO

A Direcção da A.A.E.L.G. Associação dos Antigos Estudantes de Liceu de Guimarães neste ano de júbilo, para toda a Academia Nicolina, porque finalmente será restaurada e construída a Capela de S. Nicolau no local antigo, decidiu contribuir também para a divulgação e valorização das Festas Nicolinas.

Assim, esta Cartilha Nicolina é uma proposta antiga do seu autor e empenhado Nicolino, que a Direcção apadrinou desde o primeiro momento, porque lhe reconhece um objectivo necessário à festa: a informação básica essencial que qualquer vimaranense ou jovem estudante deve possuir e aprender para defender o património cultural, que são já as nossas Festividades a S. Nicolau.

Numa linguagem acessível, quase que popular, com curiosidades e histórias suficientes para estimular a vontade de todos nós, esta Cartilha Nicolina pretende ser o livrinho de bolso que nos acompanhará na descoberta da herança dos nossos avós ou no cumprimento de uma tradição que, desejamos cada vez mais sólida e participada por todos os verdadeiros estudantes desta região.

A Direcção da A.A.E.L.G. está convicta que, com a conjugação de esforços e contributos de cada uma das instituições Nicolinas, as Festas podem transformar-se num grande acontecimento turístico - cultural de grande valia, como acontece noutras urbes desta Europa de que fazemos parte integrante.

Cartilha Nicolina

(...)

Urge dignificar as Festas e expurga-las de desvios e maus costumes que em momentos de quebranto, maleficamente se apegaram indevidamente à tradição.

Festas como a nossa, não há e, como tal, a sua irreverência, espontaneidade, criatividade, romantismo e tradição, merecem ser acompanhadas por todos os vimezanenses, homens e mulheres, jovens de todas as idades, para que Guimarães seja de facto uma cidade património mundial.

Assim será. Guimarães é já uma cidade de referência que nos orgulha.

As Festas Nicolinas são verdadeira seiva que, cumprindo um velho ciclo do Solstício de Inverno, renascem anualmente enquanto houver Mundo.

Convictamente, porque somos Nicolinos,

A Direcção da A.A.E.L.G.



**NICOLINAS:
A FESTA DOS ESTUDANTES DE GUIMARÃES
POSSÍVEIS ORIGENS E EVOLUÇÃO**

De Norte a sul do país, nesta terra portuguesa, não há lugarejo que não tenha o seu costume, a sua lenda, a sua tradição. Desde Lanhoso a Esposende ou até terras de Santa Maria não há classe ou grupo social que não tenha os seus folguedos e culto, desde a mais distinta à mais humilde e analfabeta. O povo português em especial, os latinos genericamente tem a sua ancestralidade numa abundância de festas e folguedos a Deuses naturais, verdadeiros ou falsos, antropomórficos ou simplesmente humanos, para mitigar as agruras da vida, ou para dar largas ao seu espírito ou ainda para expandir a sua alegria meridional. São Festas aos patronos; são romarias que, na sua origem, foram produto do religiosismo sincero da alma simples de um povo e que, com o decorrer do tempo, foram tomando um carácter profano, mais ou menos lúcido. Conforme o seu mister, até às superiores elites da inteligência, todos têm na sua comunidade, a sua festa tradicional. A Academia Vimaranesa não podia ser excepção, afinal existe há centenas de anos.

Vejam os em síntese a possível evolução conhecida por que passaram os folguedos das Nicolinas ao longo das épocas.

Em 1190, ao tempo em que Portugal ensaiava os primeiros passos de nação, Paio Galvão foi nomeado mestre da Escola da Colegiada pelo primeiro D. Prior conhecido, D. Pedro Amarelo, e os estudantes de Humanidades desta vetusta Escola, erecta na igreja de Santa Maria da Oliveira, com a sua devoção à Virgem até ao séc. IV foram a origem e remota das Festas Nicolinas. Esta tradição que hoje faz parte do rico património vimaranense, soltava os rapazes pelo Solstício de Inverno em folguedos e corridas pelos campos, comemorando S. Nicolau cujo culto tinha sido difundido na Europa.

Do séc. III ao séc. XV a tradição foi-se manifestando em comemorações mais ou menos similares às do resto do Mundo. Os jovens estudantes recolhiam lenha, castanhas, maçãs. Faziam a sua posse e organizavam um grande MAGUSTO no rossio do Toural, em pleno terreiro, para onde era convidada toda a população.

Cartilha Nicolina

Eram poucos os estudantes e, portanto, o convívio era próximo, envolvente. A anunciar a Festa Nicolina como ainda hoje se faz em comunidades rurais, era alteado um arco engalanado. Os jovens mais modestos traziam a árvore - O Pinheiro - e espetavam-no na praça, deixando-lhe a ramagem no cocuruto. O mastro anunciava assim o começo da Festa. Depois do Magusto eram distribuídas as maçãs pelos populares, homens e mulheres, como dote, privilégio, ou prova de amizade. Sobretudo às mulheres jovens que alimentavam as paixões nas noites de serenata... e afectiva era obrigatória...

Mas a tradição escolástica vimaranense não se confina à Colegiada. Tivemos cá a Universidade na Costa: *"pois sendo El-Rei D. João III ainda príncipe, houve um filho natural com uma moça da Câmara da Rainha D. Leonor ... a quem pôs o nome de D. Duarte, e o mandou criar com todo o segredo no Mosteiro da Costa, junto a Guimarães"* E logo o irmão do mesmo Rei, D. Luís "... entregara ao Colégio da Costa seu filho D. António, que proviera de seus amores com uma formosa judia, a Pelicano" . Citando o Sábio polígrafo José Leite de Vasconcelos diríamos que *"se outras indicações históricas não houvesse, bastara este singelo para nos Jazer restituir à cidade de Guimarães a Glória da posse de uma Universidade no século XVI"*.

Depois chegamos à época dos descobrimentos, ao séc. XVI, e a cidade sofre uma transformação bastante acentuada. As ruas Novas começam a aparecer e os interesses económicos medievais também modificaram os seus hábitos e lugares.

A Festa foi acompanhando o crescimento do burgo e criando números que se foram perpetuando na tradição.

A orientação das ruas, até aí Norte Sul, ou seja do castelo à igreja, passam a ser Leste/Oeste. O principal interesse era na época, chegar rapidamente ao mar. Muitos jovens se perderam em aventuras e se ficaram pouco pela cidade. Daqui em diante torna-se mais importante pôr os produtos da terra rapidamente junto ao mar para aprestar barcos e caravelas ali, para as bandas de Vila do Conde. Muitos dos nossos moços foram atraídos pela nova aventura e também por ela foram, influenciados. Os folguedos também vão sofrer algumas transformações. A Academia cria a sua Confraria cujo patrono é S. Nicolau e com o compromisso de 1513 introduz os hábitos novos das Novenas e Matinas à padroeira Nossa Senhora da Conceição, então ali para as bandas da ribeira da Vila, no terreiro da feira.

Cartilha Nicolina

No Inventário Geral da Colegiada relativo a 1564, pode ler-se : *A Capela de S.Nicolau fizeram-na os estudantes desta vila e outros devotos de dinheiro que ganharam em comédias e danças que por devoção do Santo e aumento da capela aceitavam o dinheiro que lhe davam.* Tal demonstra um culto anterior a 1654 em que a Capela já estava concluída e é em 6 de Dezembro de 1691 que se transforma por compromisso, a Confraria de S. Nicolau em Irmandade.

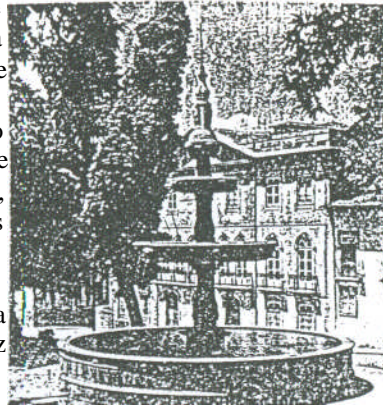
No tempo dos Filipes a juventude luta em defesa da liberdade para Portugal. Em Guimarães há várias manifestações contra o poder instituído, sobretudo cavalgadas de embuçados durante a noite com gritas à liberdade e que são proibidas.

Chegamos ao século XVII e as ameaças à jovem independência, bem como as invasões francesas, vêm contribuir para aumentar o imaginário patriótico e a hipérbole fantasista postos nos textos, comédias, danças e representações promovidas pelos estudantes. Nos pátios da cidade, nos salões das casas senhoriais ou tão somente nas ruas para o povo anónimo, Guimarães rejubila de alegria pela Festa da sua juventude. Nasce o Pregão à boa maneira das academias francesas ou do simples decreto real que era anunciado e que pelos Bandos Escolares eram apresentados e declamados, acompanhados de cavalgadas e mascaradas que incomodavam o poder instituído. O pregão era o gáudio da população, provocando truculências e desafios às autoridades.

O séc. XVIII encorpou a tradição dos Festejos, consolidando a Urbanidade.

No século XIX a Escola Industrial e Comercial de Guimarães, o Seminário da Oliveira e o Liceu foram o alfobre animador das Nicolinas.

Mas aqui assistimos a uma diferenciação social latente nos dois estabelecimentos de ensino. Os aprendizes moços dos ofícios, artes e mestres e os jovens estudantes originários de uma classe mais favorecida economicamente e que estudavam no Liceu. Nesta época nasceu o banho forçado no antigo chafariz do Toural e que hoje se encontra no Carmo. Peça única do nosso património construído.



O Chafariz da Tradição Nicolina que se erguia no Rossio do Toural (séc.XVI-XIX) nele mergulhavam os intrusos à maneira como usavam os estudantes de Coimbra castigando os futricas metediços.

Está actualmente no Jardim do Carmo

Cartilha Nicolina

Este período das Nicolinas é o mais profano da sua existência, pois do seu carácter religioso nada reza a história, os Festejos são os tempos do liberalismo. Deviam antes chamar-se festas às Senhoras de Guimarães. Elas são as verdadeiras musas no decurso da história e da sua existência fundamental, como se testemunham nas leituras dos pregões da época. A natureza cumpre a sua função. Existe.

Ao longo da data de 1880 só se encontram nos bandos das Nicolinas, apoteoses ao amor, hinos e madrigais às senhoras da cidade e galanteios às formosas e azougadas meninas do burgo. É a época do Romantismo literário que foi cultivado pelos moços nicolinos. O tema forçado é o amor. Somos, assim, levados a concluir que Nicolau era um símbolo para encobrir intenções reservadas e paixões naturais.

Em 1853 e 1861 por morte respectivamente de D. Maria II e do Senhor D. Pedro V não se realizaram as Nicolinas. A Academia estava de luto.

De 1865 a 84 celebram-se as festas com muito brilho por empenhamento de uma plêiade de jovens das melhores famílias do burgo.

De 1884 a 95 não há festas Nicolinas. Desapareceram e S. Nicolau foi esquecido.

Qual a razão deste desinteresse?

Os estudos de Latim e Lógica do Instituto de N. S. da Oliveira até 1884 serviam de preparatórios, tanto para as carreiras civis como para a vida eclesiástica. Por isso Guimarães era um centro académico importante e, por isso, Nicolau podia ser festejado. Mas a organização dos Liceus com estabelecimentos forçados para preparatórios das profissões liberais rouba a Guimarães a maior parte do seu contingente académico.

Somente em 1896 o pedido de criação do Liceu Nacional é atendido fazendo voltar a Guimarães a mocidade estudiosa de Entre Douro e Minho, das terras de Basto ou do Sousa e de Trás-os-Montes.

Neste período, um realce particular para os obreiros das Nicolinas, fazedores de novas e actuais festas, bem zabumbadas e afinadas preceito por Jerónimo Sampaio e do Anjo da pena, fazedor de soberbos poemas e pregões magistras, o Dr. Bráulio Caldas.

Deste período existem, em cada ano produzidos, brilhantes Pregões e Bandos escolásticos dignos de mestres e que são património da nossa Academia e onde estão retractadas magistralmente as personagens e figuras de relevo da cidade com sátiras e críticas magistras.

Ao voltar do século despede-se uma geração e acontecem as novas mudanças na cidade. A República chega e com ela o progresso começa a chegar a esta cidade pela vontade do Presidente Mariano Felgueiras e seus pares.

Cartilha Nicolina

O comboio para Fafe, a policia, as zonas novas da cidade, o internato Municipal sendo seu primeiro director o Dr. Eduardo d'Almeida. Com esta geração o destaque para Arnaldo Pereira. Nicolino de referência, mas também para João de Meira, Padre Gaspar Roriz, Delfim Guimarães, Luís Filipe Coelho, Jerónimo d'Almeida, Leão Martins e o Mestre José de Pina.



Passeio dos alunos do Liceu de Guimarães à Penha (Eclipse total do Sol 1911)

A República e o 28 de Maio também trouxeram marcasse mutações aos Festejos e as Reformas do ensinõemanentes reduzem ao ostracismo as Nicolinas.

O Estado Novo não desejava movimentos estudantis onde a liberdade e a democracia faziam parte dos seus hábitos de vivência. A Festa fica reduzida aos alunos do Liceu Nacional de Guimarães e a alguns outros, poucos, da Escola Industrial que se atreviam a participar.

Na década de 60 por força do restauro da Igreja da Oliveira é desmontada pedra apedra a capela de S. Nicolau que fica amontoada até aos nossos dias na Colegiada. Umerro imperdoável dos Monumentos Nacionais. Também a Irmandade quase desaparece envelhecida e temerosa. Em 1961 nasce a AAELG e o realce será para o estimado esaudoso António Faria Martins acompanhado de António Dias P. Castro, Aristião Campos, Helder Rocha, Luís Cardoso, João Augusto Passos, Amadeu Guimarães. o Sargento Júlio Mendes, António Monteiro, Alexandre Rodrigues, fazedores já anteriormente em 1954, de umas saudosas e atrevidas Danças.

Cartilha Nicolina

Com o 25 de Abril ganha polémicas e novos arremedos de vontade de renascer. Um grupo de nicolinos desde 1969 alimenta o Espírito Nicolino das novas gerações que participam na Festa, sempre que é preciso mantê-la viva. Neste grupo que reúne há 30 anos na última Sexta-feira de cada mês encontram-se homens de grande envergadura moral e pública e cuja magnânima dádiva às Nicolinas merecem referência: Alexandre Rodrigues, Meireles Graça, Martins Faria, José Maria Magalhães, Agostinho Gonçalves, Joaquim Mota Prego, José Gilberto, José Maria Jordão, Pinto d'Almeida, e os já finados: o velho Passos armador, o alegre Rui Faria, e o nosso saudoso "Kumandante" de Fafe o Orlando Alves, entre outros de boa memória. Era o professor Óscar Machado que como Maestro orientava a "música" toda para as Festas e o Sino a sanfona do órgão carregado até ao último piso da Torre dos Almadas. Deste grupo de aproximadamente 30 Nicolinos saíram, ao longo das últimas três décadas, as Festas Nicolinas actuais, melhor ou pior expressas nas comissões anuais de jovens que as tornaram realidade.

Nas décadas de 70/80 uma nova geração começa a apropriar-se da Festa como herança: Cândido Costa, Alcino Machado, Américo Ferreira, Lino Moreira, Augusto Costa, Capela Miguel, Abel Monteiro, João Mesquita, José Ribeiro, Vicente Salgado, o Ricardo Gonçalves, o Rolando Sampaio, Francisco Tadeu, o António Romano, o Carlos Duarte, o Carlos Ribeiro, que se dedicam ao rejuvenescimento das Danças de S. Nicolau e da Academia. Os Trovadores do Cano cediam o espaço de ensaio e os tocadores para o Hino. Rejuvenesceram-se grupos e tertúlias fazedores das Festa Nicolina; renasceram por fim, trazendo para o seu lugar primitivo, o centro histórico da cidade - a Razão de Ser e a Alma da Festa: **As Maçãzinhas**.

Já na década de 90 outra geração aparece empenhados na valorização das Nicolinas: Luís Correia, Pedro Lima Fernandes, Helder Oliveira, Luís Almeida Jr, João Bernardo, Miguel Bastos, José Almeida, António Teixeira, Damião Martins, João Neves e a Nicolina Marta Nuno.

As Festas Nicolinas são, então, cada vez mais as festas de todos os estudantes de Guimarães e que escolhendo a cidade para estudar encontram aqui uma tradição única e de grande valia social e cultural.

Hoje as Nicolinas são unia forte realidade cultural, mobilizadora da Alma Vimaranense.

O Santo e a sua Origem

Quem foi S. Nicolau?

Nascido em Pátara, na Lícia, pelo ano de 270, ficou muito novo herdeiro de avultados bens, por lhe terem morrido os pais, vítimas de unia epidemia.

Foi monge, abade e depois arcebispo de Mira. A sua festa Litúrgica, se^gundo o Flocus Santorum, é o dia 6 de Dezembro. Empregou os seus bens em obras de caridade, especialmente no dote de três raparigas pobres. Eleito arcebispo de Mira em tempo das perseguições, chegou a estar preso, só voltou à diocese no governo de Constantino Magno. Foi um dos 318 bispos que condenaram o Arianismo no primeiro concílio de Efeso. Morreu pouco depois, cerca do ano 325.

Pelo ano de 1087, como a cidade de Mira estivesse em poder dos Turcos, uns mercadores de Bari retiraram de lá as relíquias de S. Nicolau e trouxeram-nas para a sua cidade, onde construíram para as guardar, uma igreja magnífica. Desde então, o culto do santo espalhou-se por todo o Ocidente e tornou-se muito popular, sobretudo como patrono e protector dos jovens.

Quais os seus Milagres?

"... Três meninos, depois de esquarterados por um estalajadeiro mauzão, foram ressuscitados pelo santo";

"... As raparigas recebiam pela chaminé ou pela janela as prendas e valores que fizeram o seu dote subtraindo-as, assim, à vontade do pai de as colocar num prostíbulo".



Cartilha Nicolina

Qual o significado do seu culto?

O povo festeja desde tempos imemoriais este santo que assume diferentes formas de folguedos em diferentes zonas da Europa.

- Na Alsácia as crianças, ainda hoje, colocam na noite de 5 para 6 de Dezembro um sapatinho na chaminé, para receberem uma prenda do santo.
- No norte da Europa esta tradição popularizou-se e, hoje, corre mundo na tradição do Pai Natal. O Homem do saco das prendas que a Cola-cola pintou de vermelho numa campanha de marketing.
- S. Nicolau é o orago de uma das igrejas do centro da cidade do Porto. No dia do santo, 6 de Dezembro, é costume antigo, o abade da freguesia dar uma rasa de castanhas para que se faça um grande magusto onde participa toda a população e que a lenha é pedida pelos garotos da freguesia, fazendo grande barulho de campainhas com o seguinte prego: "Quem dá um pau p'ra S. Nicolau!... Venham queimar os pecados e o pau na fogueira de S. Nicolau!..."
- Há referências ainda a S. Nicolau em Slobregât, Panades, em Espanha, em regiões geladas da Ex-URSS e ainda em Bári, Itália.

A Igreja e a Festa Popular

A atenção da Igreja foi sempre muito polarizada pelos problemas dos festejos religiosos que, com influências profanas satisfiziam o povo anónimo.

Várias campanhas eclesíásticas foram feitas para a transformação destas manifestações, tentando canalizar promessas e impor solenidade e o carácter comunitário aos elementos do culto oficial, lutando contra as Danças e outras manifestações mais violentas. Nada porém conseguiram.

Com as Nicolinas a Igreja esteve sempre presente mesmo com os "desvios" e os festejos, dadas as suas características de irreverência e liberdade, nunca foram controladas.

O povo reviu-se sempre nesta festa. protegeu-a. e a Igreja somente esteve presente nas confrarias e Irmandades.

AS INSTITUIÇÕES NICOLINAS

Confraria

Há referência desta instituição medieval como antecessora da Irmandade. Dela não há documentos que tenham chegado aos nossos dias, a não ser a obra Santuário Mariano que há página 195 que citamos:

"... tem a Senhora da Conceição uma nobre irmandade, a que deram princípio os Estudantes da mesma Vila de Guimarães no ano de 159-1..."

Assim pois, nos finais do séc. XVI os Escolares de Guimarães tiveram outra corporação com altar numa capela de culto a Nossa Senhora da Conceição, hoje Igreja de Santos Passos e cujo culto terá sido transferido no séc. XVIII para o templo novo junto à velha via romana para Bracara Augusta.

Associação Escolástica Vimaranense

Em 1837 na casa da Rua das Lamelas pelas 16 horas um grupo de Nicolinos criou esta associação aprovando os seus estatutos que se irá finalizar quase no fim do séc. XIX. Definem claramente nos seus Estatutos Quem é o Nicolino e o desempenho dos Nicolinos na organização das Festas.

Irmandade de S. Nicolau

Fundada em 1691 segundo João de Meira, com sede na Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira com o objectivo de "promover o culto e veneração ao seu padroeiro, S. Nicolau, Bispo de Mira".

- a) Sufragar as almas dos irmãos falecidos;
- b) Cumprir encargos e legados pios;
- c) Promover o espírito de solidariedade entre irmãos;

Conforme o Art. 5º dos seus Estatutos de 11 de Maio de 1993 esta Irmandade rege-se em caso de omissão regulamentar pelas Normas Gerais de Regulamentação das Associações de Fieis (NGRAF) e pelo Código de Direito Canónico.

Cartilha Nicolina

AAELG – Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães

Fundada em 1961 por um grupo de Velhos Nicolinos, que faziam a sua ceia no Jordão, foram os seus Estatutos aprovados por despacho ministerial a 17 de Julho.

António Faria Martins soube agregar a ele outros velhos Nicolinos nomeadamente Helder Rocha – O Nicolino -Mor -, que foi um dos principais impulsionadores da AAELG. Tornou-se numa instituição importante, pois durante uma trintena de anos, albergou a Alma e o Espírito Nicolino e dinamizou a Festa com uma nova geração, a da década de 60.

A AAELG tem sede na Torre dos Almadas, cujo termo de cedência foi deliberado pelo município em 18 de Outubro de 1967, sendo o Presidente em exercício do Município um velho Nicolino – João Mendes Ribeiro – que soube reconhecer à festa Nicolina uma mais valia cultural para Guimarães.

A AAELG promove a solidariedade e o conhecimento, o estudo e a sabedoria, apoiando os estudantes empenhados e estudiosos como manda a tradição, com os seguintes prémios de patronos ou mestres, apresentados e distribuídos na noite das Danças de S. Nicolau, a 6 de Dezembro:

António Faria Martins -- Melhor Aluna
Prof. Emídio Guerreiro – Melhor Aluna de Matemática
Com. José Maria Gomes – Melhor Aluna de Letras
Valeriano Abreu – Melhor Aluna de Ciências
Dr. Nuno Simões – Melhor Aluno
Prof. José de Pina – Melhor Aluno de Desenho
Com. Gonçalves Sanches – Melhor Aluno de Ciências
Prof. Moura Machado – Melhor Aluna de Desenho

Encontram-se ainda em estudo a criação de apoios para alunos carenciados ou com dificuldades. Uma função de solidariedade social reconhecida também à AAELG.

Cartilha Nicolina

Comissão dos Novos

Era anualmente eleita, junto ao chafariz do Carmo, unia comissão de jovens responsáveis pela realização das Festas: Presidente. Vice presidente, Tesoureiro, Secretário, Chefe e Sub-chefe de Bombos, dois Vogais de Festas e dois Vogais de Academia que compõem o elenco desta comissão. Democráticamente e acompanhada pelo presidente cessante. Hoje infelizmente assim não acontece.

A esta comissão, a Academia Nicolina reconhece ou não, autoridade, para o cumprimento dos objectivos dos Festejos. Torna-se esta medida uma exigência, para que a Festa não sofra desvios imprevisíveis e nefastos, mascarados de tradição ou de irreverência juvenil.

A Festa tem de ser honesta e, por isso, avalizada pelas instituições que lhe são reconhecidas: a Irmandade e a AAELG.

A esta comissão a Academia Nicolina reconhece ou não autoridade para o cumprimento dos objectivos da Festa ao Santo como sempre se desejou. O Pinheiro, as Novenas e Posses, o Magusto e Roubalheira, o Pregão e Maçãzinhas são organizados com mais ou menos brilho conforme a "garra" e voluntariedade dos jovens que compõem esta comissão anual que se deseja democrática e rejuvenescida.

Compete ao 1º Vogal da Academia – ser o porta estandarte no 1º de Novembro e em cima do cavalo no Pregão ou sempre que era preciso a presença do estandarte da AAELG. Ao 1º e 2º Vogal da Academia compete também a guarda d'Honra dos quatro directores principais. Aos Vogais de Festas compete-lhes organizar o cordão de festão e ornamentos e realizar todos os contactos para o êxito do Pinheiro. O Chefe e Sub-chefe do Bombos devem zelar pela aprendizagem dos toques das caixas e bombos com "Ensinaças" e "Sabatinas" para que os mais jovens saibam fazer as "ranas e pranas" quando tocam com os outros no colectivo. Devem ainda sempre que solicitados conduzir os aprendizes e tocadores e realizar "Ensinaças" em escolas para a divulgação das Festas.

Novos da Comissão têm comportamentos e praxes com alguma tradição e dirigem com mais ou menos criatividade a irreverência Nicolina da juventude.

Academia

O conjunto das instituições formais públicas e reconhecidas e os grupos informais e tertúlias que se conhecem, porque organizadas, e que contribuem para a valorização das Festas. São aquilo que se reconhece como Academia Nicolina e que geracionalmente será rejuvenescida mantendo vivo o Espírito e a lembrança Nicolina.

Hoje há um grupo de Nicolinos que, na sequência da vontade manifestada na 1ª Convenção Nicolina, em 1995, pretendem institucionalizar esta Academia.

OS NÚMEROS DA FESTA

Pinheiro

Novembro, 29, 18 horas, a cidade já está em alvoroço.

Ao longe ouvem-se os repiques e as zabumbadas à mistura com o barulho das buzinas e dos motores, já em fuga para fora da cidade. Aqui e ali barretes populares de cores republicanas vão pintando as cabeças de muitos dos cidadãos que, de vários recantos da cidade vão desaguando nas praças. À porta dos restaurantes e tascas do burgo juntam-se à espera do TODO-QUE-É –O-GRUPO.

Caixas e bombos iniciam ensaios de "canas e pranas" fazendo aumentar o número de cidadãos de várias gerações que, em cada grupo, se vão encontrando em abraços de saudade e camaradagem.

Pela noite não há recanto gastronómico que não tenha uma tertúlia de estudantes, novos ou velhos, a preparar-se para o ritual Dionisíaco, a Ceia Nicolina, à boa moda minhota: ROJÕES COM CASTANHAS E PAPAS DE SARRABULHO, REGADAS COM UM TINTO NOVO CARRASCÃO, até fartar!...

VIVA S. NICOLAU!!!

VIVAM AS NICOLINAS!!!

A cidade encheu-se de dezenas, milhares de jovens de várias gerações, antigos e novos velhos estudantes do burgo vimaranense que, depois do encontro de saudade com velhos companheiros, camaradas ou colegas de Escola, gastronomicamente satisfeitos com uma soberba Ceia Nicolina, sobem ao Cano para ir buscar o maior mastro da região – O PINHEIRO MAGNO – para, numa das praças maiores da cidade medieval – O Campo da Feira – levantar o dito. Pô-lo erecto, anunciando assim as Festas da Academia, da Juventude de Guimarães. "Ranas e pranas" acompanham todo o percurso enchendo o ar de sons, afinados a preceito, que se soltam de milhares de caixas e bombos que os nicolinos transportam e que se misturam com o chiar dos carros de bois que puxavam o mastro deitado e iluminado por feéricas luminárias.

Minerva atenta e empertigada lá no alto inicia o cortejo e é a prova de coragem de um dos caloiros, jovem estudante escolhido e aceite pelos mais velhos da Comissão.

Cartilha Nicolina

Uma noite de irreverência, de novas experiências para os novos de recordações para os velhos, em cada ano renovada, com vivacidade e rejuvenescido fulgor.

À força dos animais entra o pinheiro no buraco que é tapado com vigorosas pazadas de terra no meio de infernal zabumbada. Os bombos gemem de pancadaria aos toques: 3 . 2 . 2 . 3 . 1 . 3 . 3 . 5 e volta tudo ao início, ao repique da caixa.

O Pinheiro está ao alto!!! Viva S. Nicolau!!!

As Festas dos Estudantes de Guimarães estão iniciadas.

Até 7 de dezembro a cidade terá diversas metamorfoses.

VIVA S. NICOLAU!!!

VIVAM AS NICOLINAS!!!



A ceia da confraternidade

Antigamente acontecia somente depois do "mastro ao alto" e de se ouvir o Hino Nicolino. A última "Zabumbada" rigorosa e bem afinada, era ali tocada a preceito. O povo comentava satisfeito.

Os estudantes partiam então para os recantos onde se preparavam as ceias: na Casa Piedade logo ali na Ramada ou na Joanhina na Oliveira.

Ainda em algumas casas particulares aconteciam estas tertúlias pela noite dentro que com uma boas malgas de Tinto novo acompanhavam uns Rojões com Castanhas; umas Papas de Sarrabulho; umas Arrozadas de penosas; sardinhas assadas, broa e Caldo Verde...

Hoje a ceia Nicolina é o jantar que antecede função, fazendo o tempo para o cortejo que lá, atrás do Monte Latito, aguarda a chegada dos tocadores enchendo o Campo de S. Mamede.

Hoje os Nicolinos enchameiam os Restaurantes da Cidade.

Cartilha Nicolina

Novenas

Novenas de Azurei ou de. Azurem, freguesia a que pertencem, foram implantadas enquanto hábito cultural no séc. XVIII pela obrigação de "realizar missas cantadas todos os anos, a 7 e 8 de Dezembro pelos moços coreiros da colegiada" dedicadas Padroeira N. S. da Conceição cuja Ermida estava implantada fora das muralhas da cidade, no alto da Silveira junto à estrada que já os romanos conheciam em direcção à "Bracara Augusta".

Seria uma forma de libertar em folgado matinais (fora dos olhos do povo) os grilhões da ensinança a que os moços coreiros estariam sujeitos em juvenis manifestações matinais.

Os coreiros de sinetas barulhentas e os civis, outros jovens, zabundando as caixas e os bombos ritmados a preceito nove vezes que os nove dias dos festejos assim obrigavam. Daí as novenas repetidas dia a dia e que são no seu imaginário temporal bem descritas no texto seguinte já do princípio do século em Matinas.

Magusto

Hábito herdado dos festejos a S. Martinho – 11 de Novembro – e que acompanham desde tempos imemoriais a festa a S. Nicolau, bispo, e que os moços de uma comunidade iam pedindo pau e recolhiam madeira e castanhas pelas casas e pelas confrarias e que no Rossio – a Praça maior - da freguesia faziam fogueira e assavam castanhas - o magusto - convidando todo o povo da freguesia.

Novena da Conceição

Dezembro frio. A geada Cobre os caminhos que vão. Sob os palores da Alvorada. Ao lugar da Conceição!

Denso brilho de ametista.
Reflectindo a tua cheia,
Sob o Alpendre Seiscentista Peta noite bruvuteira!...

Como a esperança redentora
A Devoção pressurosa
Vai visitar a Senhora
Da Conceição - «Gloriosa!»

As sinetas tagaretas.
Em transportes de ategria. Tritam. em notas singelas: «Tota putchra. es Maria»

E o eco responde até m..
- Querubim. anjo ou donzel: «Tu Glória Jerus até m!» «Tu laetia Israel»

Reparai na Capetinha 'Spargindo tuz, em lampçjos. A reflectir a Rainha No brilho dos azutejos

Já chegou o Organista. Sisudo ... fitando o chão!... - João Lopes. grande artista Na sotfa do cantochão!

Lá estão o Mis, ferreira E o Couto Procurador: João de Deus enfileira Também canta por amor!...

Cartilha Nicolina

«O acontecimento principal da noite é o acender da fogueiras no rossio de cada cidade, no terreiro de cada aldeia ou lugar. Cada fogueira corresponde a um foco de sociabilidade e é uma vivência comunitária.

O uso ritual do fogo é também uma característica marcante da noite de S. Martinho a 11 de Novembro e da noite de Natal o S. Nicolau. Também nas casas onde foi acesa uma fogueira na noite de S. Sebastião, não entrará "fome, peste e guerra" quer isto dizer hoje: a pobreza, a doenças epidémicas e o recrutamento militar dos moços.

Na noite de S. Martinho, nas casas dos que podem, assam-se castanhas e batatas, ao lume, e o vinho novo corre em abundância, li necessário referir neste contexto, o significado simbólico do vinho: "o vinho é símbolo do orgulho e do valor dos homens da casa, e é oferecido a todos os visitantes. A falta do vinho em casa, é motivo de particular vergonha para o camponês. A noite de S. Maninho celebra assim, o êxito da casa na sua reprodução, em lermos quer da sua alimentação, quer da sua posição social ao longo de mais um ano"». (cf. João de P. Cabral, pág. 67 ob.cit.)

Nas Nicolinas este número tem origem no dízimo de Urgeses que o Capítulo dos Cônegos teria atribuído aos jovens coreiros da Colegiada e que, depois de o receberem na dita freguesia, desciam à cidade pelo lugar da Cruz de Pedra indo desaguar no Rossio do Toural.

Posses

As posses remontam ao Convento das Claristas. Lá aconteciam festas onde participava toda a classe fidalga do burgo e onde apareciam doces confeccionados pelas próprias freiras.

Claro que sendo as Nicolinas uma festa de jovens, obvia se percebe a simpatia das freiras pelos estudantes que lhes dedicavam serenatas e danças e apelavam à "posse" de confeites e encartuchados – os doces da antiga costumeira.

As Posses foram ao longo dos tempos sendo apropriadas pela cidade e foram muitas aquelas que ficaram famosas:

Há Posses que descem atadas ao cordão...

Há outras, de vitualhas, de pôr a boca molhada e que logo ali são petiscadas. Posses há, de fazer tremer o coração.

Há Posses apresentadas à sacada... com mais ou menos decoro.

Há Posses que descem à rua e de lume são cercadas.

VENHA A POSSE!!...

E VENHA A POSSE!!...

A POSSE É NOSSA!!!

Cartilha Nicolina

As Posses são pois, bandos de estudantes que, com a tocata acompanhando a esturdia ao som do hino Escolástico, vão a cada casa ou estabelecimento combinado, buscar ou aguardar a Posse quase sempre bem "gritada". Dádiva generosa para a ceia daquela noite de convivialidade.

Roubalheira

Remonta a uma série de diversões Sanjoaneiras do mundo rural e que como tantos outros hábitos foi caindo em desuso. O seu objectivo era fazer desaparecer objectos mais como "partida" ou brincadeira do que intenção verdadeira. Uma "justiça" caseira que fez tradição. Claro que a comunidade procurava ter algumas precauções mas os vasos janeliros, eram sempre a grande e principal vítima desta brincadeira. A Roubalheira finou-se pelo aproveitamento que "amigos do alheio" faziam desta noite, indevidamente, em 1972.

Hoje as roubalheiras foram propostas na tradição, sendo os seus autores, a Comissão dos Novos de 1997, com o jovem e respeitado presidente Lobo, mas somente foram concretizadas em 1998 pela insigne comissão do presidente Miguel.

Pregão

Bando Escolástico ou Pregão. Tal qual se fazia no séc. XVIII, com o pregão real. Os estudantes em grande grupo e com toques de caixa repicada e bombo ritmado, agreste e barulheira própria, apresentando -se à cidade apregoando as suas reivindicações e apresentando as suas críticas e desejáveis aspirações para futuro.

Há quem diga que a verdadeira história do "pregão" Nicolino remonta propriamente ao séc. XVI à tradicionalista Universidade de Salamanca.

De facto, segundo o Estatuto de 1536 desta Universidade em determinadas festas reguladas pelo calendário da Igreja saíam a público os estudantes dos vários colégios recitando nas ruas perante grandes auditórios, discursos que mais pareciam "lições práticas" de aluno Universitário.

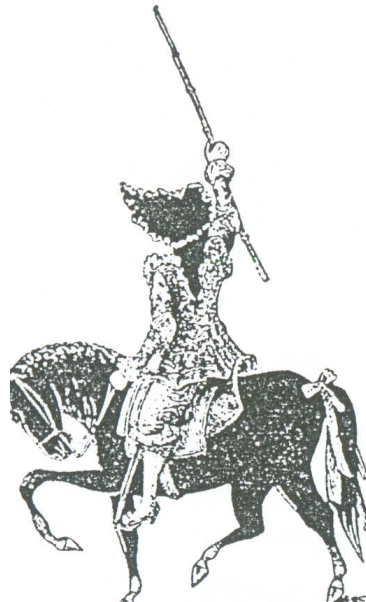
Ora, em Salamanca foram muitos os estudantes Portugueses que lá se formaram conforme vem referido na História de Portugal, de Rebelo da Silva no capítulo da Restauração: "os escolares Portugueses que frequentavam em Salamanca os estudos superiores, eram mais de quatrocentos" (ob. cit. T.4°).

Cartilha Nicolina

Muitos alunos para a época e uma importante informação já que, muitos destes alunos eram jovens vimaranenses, e foi de Salamanca que vieram os professores para a criação do Colégio Universitário da Costa –fundado por D. João III – sendo o mais referido D. Diogo de Murça que, ao fim de 14 anos, iria definitivamente para a Universidade de Coimbra.

O pregão era então à época, o Bando Escolástico, com epigramas satíricos aos costumes; alusões picaras aos sucessos escolares; amávios românticos às damas; coriscadas virulentas aos intrusos; panegíricos Camonianos aos Deuses gentílicos; brejeirices picantes às criadas e costureiras; facécias críticas aos governantes municipais, paçadas risoñas aos burgueses; hossanas campanudas à política de cada época.

Enfim, trajados de trabalho: camisa branca e lenço tabaqueiro; calça escura e barrete português de cores republucanas, as caixas e bombos antecedendo o porta-bandeira a cavalo. Aproxima-se então o carro pregoeiro com a multidão aconchegando-se para ouvir os ditos, dichotes gritados a plenos pulmões pelo pregoeiro. A multidão vive o momento em cada praça e recanto da cidade, num dos sete momentos em que Pregão é repetido até ao anoitecer do dia 5 de Dezembro.



Pregão a cavalo
Séc. XVIII

Cartilha Nicolina

Maçãzinhas

São a alma essencial das Nicolinas numa relação natural da descoberta do homem e da mulher. Cumpre-se aqui o ciclo natural do acasalamento no solstício de Inverno. O jovem oferece na ponta da lança a maçã - símbolo do pecado original - à menina da janela que a rejeita ou lhe oferece em troca a prenda. A fállica lança está engalanada de fitas coloridas oferecidas pelas outras meninas das suas relações. A grande fita do laço, mais larga que as restantes, é oferecida pela mãe ou pela namorada comprometida. A razão do compromisso entre o masculino e o feminino que neste acto público se exprime está ligado à relação social e de maternidade.

Esta Reconstituição criada pela imaginação popular e juvenil refere-se ao milagre do Santo da Salvação das Virgens. É o centro das Nicolinas e realiza-se sempre na tarde do dia 6 de Dezembro, com um cortejo de apresentação dos jovens mascarados e travestidos. Percorre as ruas da cidade e antecede o erguer das lanças com a maçã na ponta à procura da "prenda" especial daquela menina ou dama, por quem o jovem arde de paixão. Hoje está esta tradição no coração do centro histórico : a Praça de Santiago e o largo da Oliveira.



Danças e Comédias

As danças começaram por ser apresentadas em cena pública no Rossio do Toural; na Praceta do Convento das Claristas ou nos Pátios e casas Senhoriais.

O Estatuto da Irmandade do Séc. XVII indica já num dos seus capítulos a maneira como os estudantes obtinham meios de receita para a festividade.

A exploração de Comédias e Danças pelos escolásticos e sua organização possibilitaram a construção da Capela de S. Nicolau anexa à Colegiada e hoje novamente restaurada.

Cartilha Nicolina

Em 1738 terminou esta prática empresária de explorar representações críticas e coreográficas. Em 1972 recreou-se este número das Danças que se realizaram no Cine-Teatro Jordão embora em anos anteriores tivessem esporadicamente sido apresentados por grupos de estudantes.

Desta última série de representações há figuras que se destacaram pelo contributo às Nicolinas: O Afonso Henriques (Zé Maria Magalhães), a Mumadona – o Alcaide, o Bobo. S. Nicolau (Alexandre Rodrigues), a Minerva, o Gil Vicente, o Povo, as Mulheres, os Coreiros. Um espectáculo somente de homens que se "travessam" em diferentes personagens.

Uma noite de saudável humor e feérica Sátira Social, de crítica aos acontecimentos do ano na cidade que cada vez tem mais aderentes e que só se representa uma vez.

Pena que o Jordão já não exista!!!



Baile da Saudade

Baile. Hoje tenta-se refazer com algum rigor o baile do fim do século XIX. Embora com aspecto decadente ele pretende fundamentalmente ser uma recriação dinâmica como pretexto para um são convívio e reencontro fraternal onde se faz a apologia das relações entre os homens.

Elas deixam-se levar rodopiantes ao som da valsa ou nos rompantes do tango...

Eles apuram-se como cavalheiros, com tiques discretos em toques de colarinho ou punhos da camisa, concentrados na tarefa de não pisar a dama que seguram nos braços delicadamente... e reveem-se velhos amores interrompidos, cenas de ciúmes escondidas e paixões que chegaram a queimar corações.

Cartilha Nicolina

A música de outros tempos, de todos os tempos, paira no ar à mistura com as conversas discretas, as gargalhadas brejeiras e os sorrisos, de saudade e dançam-se os Boleros, as Valsas, o Chá-chá-chá, as Rombas e depois os Slows dos Beatles ou o Rock dos anos 70. Hoje tudo é mais calmo.

Uma noite onde com rigor e protocolo se realiza uma ceia e um baile da melhor confraternidade, reencontro de amigos e de companheiros de outros tempos onde pontificam as recordações dos amores e paixões que se entregam com saudade aqui e como herança às gerações mais novas.

GASTRONOMIA NICOLINA

Cumprindo o Solstício de Inverno a Festa Nicolina detém ainda um património lertuliar e gastronómico importante. Ao lon^o das épocas a mesa foi um espaço de confraternidade fundamental para a iniciação dos caloiros e rituais de integração.

As tradições do conter e do beber são ritualidades Dionisíacas e Baquianas e, sobretudo respeitavam os ciclos naturais da terra e o uso dos seus frutos ou produtos em cada estação.

Também os locais de encontro eram aqueles onde os adultos tinham poiso. As TASCAS e comedouros. Muitas foram referência de memória, bem como pontos de encontro de grupos e tertúlias, espaços de debate e de crescimento pessoal e social.

São ainda hoje referidas no ima^oinário Nicolino a Tasca do Miranda à Praça da Oliveira com o seu fami^oerado "pito de mergulho" ou a do Calondro onde se afinava a caixa ou o bombo e se tomava um quentérrimo Caldo de Unto, depois de se tocar as Novenas na Sr^a da Conceição. Refiro ainda a famosa loja da Sr^a Aninhas onde se comiam uns bolinhos de farinha e ovo e rabanadas, ou um pica no chão encontrado perdido na noite e que a madrinha tratava a preceito.

Tudo o que fosse de petiscar ou *de* comer era regado por um tinto carrascão novo cuja prova era feita pelo grupo que bebia da mesma malga como "membro" efectivo.

Das Tascas e Vendas ainda vivas hoje na cidade quero fazer referência já que a Festa Nicolina hoje é tão grande que enche mais depressa os restaurantes de comida "plástica" e insípida com "líquidos" a acompanhar de origem duvidosa, com pouco respeito por Baco.

Assim, são ainda de referência, memória e tradição, pontos de convivialidade com petiscos regionais e Baco a inspirar em copos de branco ou malgas de tinto, e que os Velhos conhecem bem:

A Sequeira da Rua de St^a Maria
A Adega do Conas à St^a Luzia
A da Viúva e outra do Salgado, no Cano
A Cozinha Regional do Beça na Praça de Santiago
Os Caquinhos na Arrochela
A Tasca do Pimenta à Rua da Rainha
Ou a Venda do Pinto na antiga Rua dos Francos

Cartilha Nicolina

O Castro e ainda o Regional na Rua D. João I
A Velha casa do Corta que já desapareceu, este ano, do Campo da Feira.
A Casa Piedade na Rua da Ramada, a mais antiga, hoje na cidade,
datada de 1905 a sua criação.

"Boletes" à moda da Sr^aAninhas

3 ou 4 ovos

Fermento e alguma farinha. Vai a fritar fazendo uns bolinhos fracos que serviam para enganar o estômago e existem ainda nas comunidades rurais que lhe conhecem a receita.

Rabanadas

Fatias *de* pão de cacete passadas por água açucarada ou vinho doce e depois fritas. Eram "brancas" ou "tintas", mas doces, porque no fim eram polvilhadas por açúcar e canela.

Se passadas por leite e ovo antes de serem fritas, as rabanadas são "ricas". Que saborosas!!! Um manjar regional de todas as horas.

O Caldo de Unto do Calondro

Água quente da cozedura da barriga de porco ou do bacalhau. É deitada sobre cebola e ovo cozido acompanhado de pão de milho migado.

Este caldo pelas calorias que empresta, está indicado como suadouro terapêutico usado pela gente do campo para curar constipações.

Pasteis da Joaninha

Massa tenra com recheio de batata doce, chila ou castanhas, tudo passado ou moído.

A Joaninha tinha uma tasca na Praça da Oliveira e tinha sido anteriormente criada interna no Convento das Claristas onde teria aprendido a arte da doçaria de Guimarães.

Cartilha Nicolina

Ceia Nicolina

Rojões com papas e castanhas e/ou arroz de bacalhau ou de pe nosas (pica-no-chão).

Leite creme e figos e tinto carrascão.

Antigamente haviam ainda em alternativa sardinha assada, bolinhos de bacalhau, broa e caldo verde.

Moinas de S. Nicolau

Eram oferecidas pelas vendas ou pelas casas de Velhos Nicolinos aos jovens tocadores de caixas e bombos que em "Ensinanças" ensaiavam as "ranas e pranas" até 28 de Novembro.

Figos de ceira; Maçãs: Broa: Nozes; Castanhas;

Bacalhau demolido com cebola; Cebola com sal e tremoços e sempre a Malga de tinto a acompanhar.

Em algumas casas mais abundantes era acrescentada a Bola de Carne, que enriquecia substancialmente o estômago dos jovens zabundantes. Enfim unia tradição que a nossa memória aqui regista para os vindouros e que, quantas vezes, eram motivação suficiente para manter viva a Alma Nicolina e que os "Chefes de bombos" geriam a preceito para que a "Música" tocasse afinada e colectiva.

QUEM FOI A SENHORA ANINHAS

A senhora Aninhas era natural do lugar cla Pica, Quinchães, freguesia do concelho de Fafe: "... *Mulher simples pois, de formação popular, condizente com a sua origem modesta*". Tinha vindo trabalhar para Guimarães e casado com o André, continuo do Liceu. Esta mulher vivia do rendimento que lirava do negócio, pouco vultuoso, da sua loja. ao n° 57, rés do chão, da Rua de Santa Maria, morando ela por cima:

a loja era uma pequena lojeca de uma poria só, que se espreitara com os dois bancos de madeira. compridos, mas de pernas baixas, onde nos íamos sentando na conversa e de onde íamos vendo quem passava. conforme o espaço disponível permitia. Dentro, um cubículo pouco mais largo que a porta de entrada, com as paredes enegrecidas pela fumarada vinda da cozinha, em lareira de pedra, situada no findo, noutro aposento que dava para o quintal.
In Povo de Guimarães 27.11.985.

Ficava, pois, muito próximo do Internato Municipal, depois Liceu antigo, tornando fácil o encontro a todas as horas do dia com grupos de estudantes que acarinhava, protegia, apoiava.

Ao longo de várias gerações contribuiu, assim, para a fraternidade da festa e da vivência da tradição.

A Senhora Aninhas ganhou por justiça, reconhecida por gerações de nicolinos, um espaço no seu coração e, ainda, a condição de Mãe ou Madrinha, quantas vezes amiga, conselheira e educadora. Foi unia referência para os jovens que marcaram unia época e que deixa transparecer numa certa aura de mito e saudade.

Por tudo isto os estudantes revelaram sempre para com a Senhora Aninhas um sentimento de gratidão. E se para ela , eles eram os seus meninos, para eles, ela era a sua mãe. fazendo passar á sua porta o cortejo clo Pregão.

Em 1971 foi prestada uma simples, mas significativa homenagem à memória da saudosa senhora Aninhas, tendo sido descerrada uma lápida na casa onde morou a bondosa Senhora, na rua de Santa Maria. Nela se lê:



Aqui nos abriste o peito;

Aqui te quisemos bem:

Aqui foste, de Estudantes

Conselheira e Santa Mãe.

*A Senhora Aninhas Os
antigos estudantes*

ESPIRITO NICOLINO

Ser Nicolino é gostar da vida.

Ser Nicolino é chegar a Novembro como todos os anos e sentir as gentes de Guimarães já habituadas ao "barulho" das Nicolinas que chega, com simpatia às conversas de todos os dias.

Ser Nicolino é perceber que a cidade como que instintivamente se prepara para uma tradição com quase quatrocentos anos de vida e que apoia e anima, de facto, com irreverência e criatividade, na primeira semana do mês de Dezembro de cada ano. Por todos os cantos desta cidade se vislumbram jovens de barrete vermelho e verde com caixas e bombos ao ombro, preparando-se para vigorosas zabumbadas ou procurando em grupos de Sabatinas ruidosas aprender os toques colectivos.

Ser Nicolino é estar preparado para a Festa; buscar a lista dos velhos companheiros e fraternalmente construir um encontro na ceia Nicolina, nas Maçãzinhas, nas Danças, no Baile.

Ser Nicolino é ter saudade das coisas boas da vida procurando com os outros as alegrias sobretudo e combatendo as tristezas e azares, fazer de cada dia mais um dia de verdade.

Ser Nicolino é ser solidário. No dia a dia do trabalho, do lazer, da família, procurando ajudar nos momentos difíceis as carências de muitos dos nossos amigos e companheiros.

Ser Nicolino é gostar de estar com os outros, em gastronómicas confraternidades e como livres pensadores, reflectir e ajudar a construir o Mundo em que vivemos.

Ser Nicolino é ser estudante toda a vida, é gostar de aprender e de saber mais, cada vez mais.

Ser Nicolino é reconhecer como valor maior a liberdade e contribuir sempre para que ela seja acessível e respeitada por todos os cidadãos.

Ser Nicolino é ter amigos de todas as idades porque se partilham aventuras colectivas que são uma herança que deixamos à cidade e ao futuro.

Ser Nicolino é não ter idade e ser e estar com todas as gerações irmanados na construção de uma cidadania mais honesta e participada onde os homens se reconheçam pelos seus valores e se respeitem pelo seu trabalho, honestidade e mérito.

Ser Nicolino é amar o longe e a utopia e construir com ela obras de amizade verdadeira e honestidade de pensamento.

Ser Nicolino é respeitar os outros como a nós mesmos e assim ter consciência de que não existimos sós.

Cartilha Nicolina

Ser Nicolino é estar inspirado pelo Santo Nicolau e com saudade, paixão. brejeirice até aos limites do amor procurar fazer das Mulheres as Musas inspiradoras da nossa existência natural.

Ser Nicolino é crescer saudavelmente e aprender a estar com os outros neste Mundo Nosso.

VIVA S. NICOLAU em Guimarães!!!



AS NICOLINAS E O FUTURO

Hoje estamos convictos que, as novas gerações redescobriram as Festas Nicolinas. Não só porque o Santo tem novamente a sua Capela reconstruída e restaurada, mas também porque estas Festas transportam na sua Alma a Alma da cidade, a Alma de unia região, pujante e rica de valores colectivos, e um património herdado físico e espiritual que desde pequenos aprendemos a respeitar. Amamos a nossa cidade-património cuja razão de ser são as suas pessoas com os seus defeitos e virtudes, com as suas tradições e irreverências, com a sua vontade e arreganho.

As Nicolinas são conjuntamente com as Gualterianas e o culto a S. Torcato, os festejos mais antigos da região, herança dos antepassados que desejamos continuar, sempre renovada e rejuvenescida. Só assim se entende esta cidade-património.

O futuro fará das Festas Nicolinas uma atracção turístico-cultural deste burgo, renovadas ano a ano. Um programa de animação sócio-cultural onde todo o município participa, reconhece e acarinha contribuindo cada vez mais para a sua perfeição e brilho.

Em muitas cidades da Europa se consolidam como atracções turísticas e Festas principais, reconstituições e acontecimentos de história local valorizadas como acontecimentos turísticos e culturais.

As Nicolinas são a Juventude e ela é o Futuro.

VIVAM AS NICOLINAS!!!

VIVA S. NICOLAU PATRONO DA JUVENTUDE!

BIBLIOGRAFIA NICOLINA

- Alcantara, Manuela; *Sob o signo S. Nicolau*; Guimarães, 1994
Carvalho, A.L. de; *S. Nicolau*; Guimarães, 1943, Ed.
Carvalho, A.L. de; *S. Nicolau dos Estudantes*; Guimarães, 1956, 2ª Ed.
Meira, João de; *Os Bandas Escolásticos da Festa de Nicolau*, Revista de Guimarães
Meireles, Maria José; *Nicolau documentos e pregões*, 1987
Rodrigues, Rev.º Fernando Carvalho; *Estatutos da Irmandade de Nicolau*, 1993
Silva, Domingos R. Dias da; *O S. Nicolau em Guimarães*, Revista de Guimarães, 1923
Silva, Lino Moreira da; *Guimarães e as Festas Nicolinas*; Guimarães, 1991, 1ª Ed.
Silva, Lino Moreira da; *A Senhora Aninhas*; Guimarães, 1992, 1ª Ed.
Silva, Lino Moreira da; *A Irmandade de S. Nicolau*; Guimarães, 1993, 1ª Ed. *Jornal O Povo de Guimarães* — várias edições
Jornal Noticias de Guimarães — várias edições
Opúsculos das Danças de S. Nicolau (desde 1972)

... o autor agradece a convivência e contributos para este opúsculo, dos seus companheiros Nicolinos Lino Moreira, Helder Rocha, Zé Maria Magalhães, Alexandre Rodrigues e Luís Almeida verdadeira herança. Dedicou particularmente aos seus companheiros de direcção da AAELG e da Tertúlia "*Fidelis Nicolinus*" e a todas as damas do burgo, no ano da graça de 1998 da erecção da nova Capela do Santo.

Cartilha Nicolina

ÍNDICE

	Pág.
Texto de Introdução	3
Nicolinas: A Festa dos Estudantes de Guimarães	5
Possíveis Origens e Evolução	
O Santo e a sua Origem	11
Quem foi S. Nicolau?	11
Quais os seus milagres?	11
Qual o significado do seu culto?	12
As Instituições Nicolinas	13
Confraria	13
Associação Escolástica Vimaranense	13
Irmandade de S. Nicolau	13
A.A.E.L.G.	14
Comissão dos Novos	15
Academia	16
Os números da Festa	17
Pinheiro	17
A Ceia da confraternidade	18
Novenas	19
Magusto	19
Posses	20
Roubalheira	21
Pregão	21
Macazinhas	23
Danças e Comédias	23
Baile da Saudade	24
Gastronomia Nicolina	26
Quem foi a Senhora Aninhas	29
O Espírito Nicolino	30
As Nicolinas e o Futuro	32
Bibliografia Nicolina	33